

## CRÔNICA

Beto Seabra • betoseabra2010@gmail.com



# Carnaval no Oscar

**F**evereiro de 1961. Seria o primeiro carnaval na nova capital, inaugurada em abril do ano anterior. Como assim, primeiro? E os sambas, frevos e forrós dos candangos nos canteiros de obra? Mas, para a imprensa, seria o primeiro. A carioca linda, de apenas 17 anos, deixou o noivo na velha capital e veio com a família morar em Brasília. Carnaval na cidade novinha em folha, uma joia desenhada por Lucio Costa, enfeitada por Niemeyer e habitada por uma gente diversa e colorida, brasileiros e brasileiras de todo o Brasil.



A foto na revista *Manchete*, com a moça se esbaldando de felicidade nas ruas de Brasília, foi parar em todas as casas de família. O noivo liga do Rio, furibundo, a irmã mais nova que atende. Queria que a moça passasse o carnaval onde? E ele, onde estava na hora da folia?

Foram horas ao telefone, que custava uma fortuna, para as meninas convencê-lo de que brincar carnaval não é pecado. Pecado seria trancafiar em casa as lindas irmãs cariocas que ajudaram a mostrar ao Brasil que na cidade criada por JK também havia gente feliz.

Depois veio 1964 e o carnaval da cidade perdeu boa parte da graça. Permaneceu vivo apenas nos clubes e nas heroicas escolas de samba, em especial a Unidos do Cruzeiro e a Acadêmicos da Asa Norte, cujos enredos deveriam passar pela censura. Na rua mesmo, só o Vassourinhas, formado por saudosos pernambucanos.

Foi então que, em 1978, surgiu o Pacotão. No ano anterior o general-presidente havia baixado o Pacote de Abril, que fechou o Congresso e mudou as regras eleitorais para tentar impedir o avanço da oposição

nas eleições. Não adiantou. Aproveitando a Revolução Islâmica em curso no Irã, os jornalistas do Clube da Imprensa fizeram a primeira marchinha do bloco:

“Geisel, você nos atolou  
Figueiredo, também vai atolar

Aiatolá, aiatolá, venha nos salvar

Que esse governo já ficou gagá, gá, gá, gá

“Geisel, você nos atolou...”

Desfilando na contramão, o Pacotão se mantém na ativa até hoje, sempre fazendo jus à temática política que o batizou.

Depois, vieram a

Baratona, o Galinho de Brasília e muitos outros. Hoje, existem dezenas de bloquinhos, enchendo as cidades do Distrito Federal de alegria e amor. No nosso 65º Carnaval serão pelo menos quatro dias de folia e sem censura de qualquer tipo.

E, por falar em censura, neste ano, os foliões terão um motivo a mais para a festa. Milhões de fãs da Fernanda Torres estarão de olho na entrega do Oscar, domingo à noite, torcendo pelo filme *Ainda estou aqui*.

Seria uma feliz ironia que o país do carnaval — castigado por uma ditadura

de 21 anos e ainda hoje às voltas com uma tentativa fracassada de golpe de Estado — fosse também lembrado no mundo inteiro pela premiação a um filme que mostra a história real de uma mulher, mãe de cinco filhos, em busca da verdade sobre a morte do seu marido, sequestrado, torturado e morto pelo governo militar.

E, enquanto isso, lá do Rio de Janeiro, as irmãs que brincaram juntas naquele longínquo 1961, hoje, já octogenárias e ainda belas e risonhas, mandam aquele abraço para os carnavalescos de Brasília!